



**Entre o “Desvio” e a “Forma Atípica”:
Diálogos Possíveis entre Michel de Certeau e Edward Palmer Thompson**

Luiz Alves Araújo Neto¹

Resumo: Este artigo propõe a discussão acerca do seguinte questionamento: é possível estabelecer um diálogo entre as categorias “desvio” e “forma atípica” nas obras de Michel de Certeau e Edward Thompson? A escolha de reflexão sobre duas categorias específicas operadas no trabalho desses dois autores diz respeito a uma tentativa de compreender o fazer historiográfico a partir da aproximação de ambos, pensando em termos de uma História Social da Cultura, ou mesmo de uma Metodologia da História. Argumento que, a despeito das diferenças teóricas e metodológicas entre os dois autores, as noções de “desvio” e “forma atípica” mobilizadas por eles possibilita uma prática historiográfica que relacione o contínuo e o descontínuo a partir de um exame detalhado de séries de evidências.

Palavras-Chave: Michel de Certeau, Edward Palmer Thompson, Teoria da História, Metodologia da História, Historiografia.

**Between “Deviance” and “Atypical Form”:
Possible Dialogues between Michel de Certeau and Edward Palmer Thompson**

Abstract: This article proposes a discussion about the following question: Is it possible to establish a dialogue between the categories “deviance” and “atypical form” in the works of Michel de Certeau and Edward Thompson? The choice of reflection on two specific categories operated in the work of these two authors concerns an attempt to understand the historiographic doing from the approach of both, thinking in terms of a Social History of Culture, or even a Methodology of History. Despite the theoretical and methodological differences between the two authors, the notions of “deviation” and “atypical form” mobilized by them enable a historiographic practice that relates the continuous and the discontinuous from a detailed examination of evidence series.

Keywords: Michel de Certeau, Edward Palmer Thompson, Theory of History, Methodology of History, Historiography.

Introdução: História Cultural de Michel de Certeau e História Social de Edward Palmer Thompson

[...] entendo como história essa prática (uma ‘disciplina’), o seu resultado (o discurso) ou a relação de ambos sob a forma de uma ‘produção’. Certamente, em seu uso corrente, o termo história conota, sucessivamente, a ciência e seu objeto – a explicação que se diz e a realidade daquilo que se passou ou se passa. Outros domínios não

¹ Pós-Doutorando em História pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) com Bolsa de Estudo da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Doutor e Mestre em História das Ciências pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ).



apresentam a mesma ambiguidade: o francês não confunde numa mesma palavra a física e a natureza (CERTEAU, 2011a, p. 5).

Por 'lógica histórica' entendo um método lógico de investigação adequado a materiais históricos, destinado, na medida do possível, a testar hipóteses quanto à estrutura, causação etc., e a eliminar procedimentos autoconfirmadores ('instâncias', 'ilustrações'). O discurso histórico disciplinado da prova consiste num diálogo entre conceito e evidência, um diálogo conduzido por hipóteses sucessivas, de um lado, e a pesquisa empírica, do outro (THOMPSON, 2009, p. 57).

Entre os nomes importantes na produção historiográfica do século XX, Michel de Certeau (1925-1986) e Edward Thompson (1924-1993) foram dois personagens que deixaram suas marcas nos debates sobre o ofício do historiador e a maneira como ele opera e molda o passado. Contemporâneos, esses dois autores inseriram-se em uma época turbulenta no universo intelectual europeu, marcado pelas tensões da Guerra Fria e vivendo, ainda, os efeitos da Segunda Guerra Mundial. Em um período de questionamentos profundos aos grandes esquemas interpretativos e explicativos do mundo, como a tradição marxista ortodoxa, por exemplo, esses autores foram parte de movimentos que procuraram traçar novos caminhos para uma disciplina que sofria críticas fundamentais por todos os lados. Esse cenário intelectual e político contribuiu para moldar a atuação de ambos no sentido do engajamento, cada um em seu universo de preocupações.

No caso de Certeau (2011a; 2011b), o trabalho do historiador precisava ser esclarecido no entremeio da lógica e da narrativa, melhor dizendo, a operação historiográfica precisava ser situada entre o passado histórico e o presente historiográfico. A preocupação do historiador francês, de filiação linguística forte, era pensar sobre o lugar do historiador na sociedade, ou seja, "o que fabrica o historiador quando 'faz história'? Para quem trabalha? Que produz?" (CERTEAU, 2011a, p. 45). Essas perguntas, como será apresentado mais adiante, estão diretamente ligadas com o ambiente de críticas à própria estrutura do mundo acadêmico na França, com seu ponto alto alcançado em 1968.

O engajamento de Thompson ocorreu no contexto de críticas à tradição marxista e ao materialismo histórico, principalmente em decorrência do revisionismo após a revelação dos problemas da administração do regime soviético. Para o autor inglês, a autocrítica do marxismo foi fundamental para preparar os argumentos de defesa do materialismo histórico frente às críticas dos âmbitos interno e externo das ciências humanas, sendo os mais referenciais à sua discussão os trabalhos de Louis Althusser e Karl Popper. O objetivo de Thompson, ao situar o



“discurso disciplinado da prova” entre o “conceito” e a “evidência” era, como será abordado em outra seção, um posicionamento frente às críticas de que o materialismo histórico não seria de todo eficiente mediante a capacidade explicativa da teoria (Althusser) e tampouco cientificamente relevante por não alcançar um trabalho empírico inserido na lógica da pesquisa científica (Popper).

Os trabalhos de Certeau e Thompson tiveram grande impacto no campo acadêmico brasileiro, extrapolando os limites da historiografia e demarcando importantes discussões acerca de movimentos sociais, da agência dos indivíduos no cotidiano, dos espaços, e do fazer histórico. Em um momento de críticas a grandes modelos explicativos estruturalistas, as reflexões dos dois autores foram basilares para diferentes campos de discussão e para situar o lugar dos indivíduos em processos e instituições como a Igreja Católica e a Revolução Industrial.

Tendo como ponto de partida a relevância desses autores para a conformação dos campos da História Social e da História Cultural no Brasil, foi formulada uma pergunta para a qual se buscará um desenho muito preliminar de resposta: é possível estabelecer um diálogo entre as categorias desvio e forma atípica nas obras de Michel de Certeau e Edward Thompson? Esse questionamento coloca no centro da discussão duas categorias mobilizadas pelos autores em questão para pensar a prática historiográfica e suas próprias atuações na pesquisa histórica. Embora não sejam os conceitos e/ou categorias mais recorrentes nas análises empreendidas por Certeau e Thompson, desvio e forma atípica são representativos da maneira como esses indivíduos pensavam o ofício do historiador e permitem interessantes reflexões teóricas e metodológicas.

Argumento que a aproximação entre Michel de Certeau e Edward Thompson não somente é possível, mas necessária para refletir como historiadoras e historiadores podem mobilizar concepções sobre o passado levando em considerações tanto as continuidades quanto as descontinuidades. Dialogando com a observação de Runia (2015) acerca dos riscos de se eclipsar o contínuo na procura pelo descontínuo, pela ruptura, procuro mostrar como os trabalhos de dois historiadores que lidaram com a história vista de baixo, com os pontos fora da curva, mantiveram um importante cuidado com a dimensão processual da história, principalmente no tratamento das fontes.



Este trabalho consiste em uma discussão historiográfica acerca das obras de Michel de Certeau e Edward Thompson, sem se aprofundar nas trajetórias desses sujeitos, ou mesmo realizar uma revisão sistemática de seus trabalhos. A partir dos escritos desses autores, bem como outros textos com os quais dialogavam, é realizada uma análise sobre os aspectos teóricos e metodológicos de suas reflexões. Primeiramente, serão discutidas, separadamente, as noções de desvio e forma atípica; em seguida, o questionamento central lançado no início será discutido, buscando pensar as implicações da aproximação entre Thompson e Certeau.

Do Desvio: A Operação Historiográfica de Michel de Certeau

Nascido em Chambéry, França, em 1925, Michel de Certeau formou-se em Estudos Clássicos e em Filosofia nas universidades de Grenoble, Lyon e Paris, além de obter formação em Teologia, vinculando-se à Companhia de Jesus, uma das razões pelas quais o seu objeto de pesquisa empírica ter sido as práticas religiosas no século XVII, considerado pelo autor um ponto de inflexão na história religiosa francesa, muito em conta das transformações provocadas pelo surgimento de novas igrejas no cenário europeu.

Em seu “caminho não traçado”, como fala a historiadora Luce Giard², Certeau teve encontros com diversas áreas do conhecimento, formatando um conjunto bastante frutífero para as suas reflexões e operações com o passado. Dos diálogos importantes estabelecidos pelo autor com outras disciplinas, destaca-se o contato com a Antropologia (em especial com Marcel Mauss), a Linguística (marcadamente pelos trabalhos de Roland Barthes), a Psicologia Social (diálogos com o romeno Sergio Moscovici) e, principalmente, a Psicanálise. Com a psicanálise, por sinal, a relação de Certeau foi quase simbiótica, uma vez que foi fundador e diretor, juntamente com Jacques Lacan – principal discípulo de Freud na França – da *École Freudienne* de Paris, dedicada à formação de psicanalistas baseadas nas teorias freudianas, além de discutir de forma recorrente em suas obras a relação entre essa área do conhecimento e a História (CERTEAU, 2011a, 2011b, 2012a, 2012b).

² Giard trabalhou com Certeau na *Délégation Générale à la Recherche Scientifique et Technique*, onde desenvolveram a pesquisa que resultou na coleção “A Invenção do Cotidiano”, incompleta devido à morte do autor. Luce Giard escreveu diversos trabalhos de caráter biográfico e bibliográfico sobre Michel de Certeau (GIARD et al., 1988); além de escrever as introduções às traduções em português das obras do autor, outras fontes importantes para os dados biográficos e contextuais utilizados aqui.



Essa relação interdisciplinar específica estabelecida por Certeau rendeu a ele um olhar para a sociedade, tanto no passado quanto no seu presente, muito peculiar; ele analisou a sociedade a partir das práticas culturais, dos discursos, da linguagem; ou melhor, da vida cotidiana. Seu trabalho principal foi discutir a vida social sob o olhar dos indivíduos dominados, os pobres, os analfabetos, hereges, pagãos etc. Esse “ponto de vista de baixo” visava romper com uma visão passiva dos dominados, os ausentes da História. Para tanto, Michel de Certeau debruçou análise de caráter histórico e antropológico sobre o cotidiano, percebendo-o como um espaço de tensões e de disputas entre os indivíduos, mais especificamente na constituição do que ele nomeou de uma rede de antidisciplina, ou melhor, um conjunto de ações e de crenças capazes de romper com as relações de dominância de um grupo para outro (CERTEAU, 2012a).

Em *A Invenção do Cotidiano*, o historiador francês analisa essas formas de subverter a disciplina, de romper com as normas formais e informais da sociedade. Para tanto, existe uma operação conceitual realizada por Certeau fundamental, que diz respeito ao conceito de estratégias e táticas. O primeiro termo refere-se, essencialmente, às práticas e discursos formais e informais que visam estabelecer uma ordem de disciplina, ou mesmo legitimar a ordem já estabelecida; para Certeau, essas estratégias estão ligadas às práticas de consumo, ou seja, incorporações das ações e dos discursos da ordem de modo a seguir suas intenções originais, sem propriamente transformá-las a cada realidade individual.

As táticas, por sua vez, são as apropriações criativas das ações e dos discursos, adequando-os às realidades e aos interesses individuais, ou mesmo de coletivos específicos; uma tática é um discurso ou uma ação que transforma o sentido original da ordem, dando um significado específico para eles, muitas vezes, em um sentido considerado como uma expressão da antidisciplina. Em sua análise sobre a religiosidade no Brasil, Certeau (2012b) argumenta:

Falando de modo mais geral, uma maneira de utilizar sistemas impostos constitui a resistência à lei histórica de um estado de fato e a suas legitimações domésticas. Uma prática da ordem construída por outros redistribui-lhe o espaço. Ali ela cria ao menos um jogo, por manobras entre forças desiguais e por referências utópicas. Aí se manifestaria a opacidade da cultura “popular” – a pedra negra que se opõe à assimilação. O que aí se chama sabedoria, define-se como trampolinagem, a palavra que um jogo de palavras associa à acrobacia do saltimbanco e à sua arte de saltar no trampolim, e como trapaçaria, astúcia e esperteza no modo de utilizar ou de driblar os termos dos contratos sociais (CERTEAU, 2012b, p. 74).

Mas, afinal, de que vale essa leitura das táticas de que tanto fala Certeau para este trabalho? Qual sua relação com a categoria desvio? A resposta a esse questionamento remete à



própria ideia de desvio posta por pelo autor em seu texto *A Operação Historiográfica*, publicado originalmente em 1972, na coletânea *Faire l'Histoire*, coordenada por Pierre Nora e Jacques Le Goff e, em 1974, revisado e ampliado para o livro *L'Écrire de l'Histoire*. Nesse trabalho, Michel de Certeau se propõe a pensar como o historiador produz o seu conhecimento, quais os níveis de sua atividade, e de que forma esses níveis se conectam entre si; para ele, a operação possui três dimensões: o lugar, ou seja, a filiação do/entre o historiador e sua formação, instituição de trabalho, e situação no estrato social; a prática, ou seja, as formas pelas quais o pesquisador lida com as evidências do passado, seus instrumentos, métodos e fundamentos; e a escrita, ou melhor, a produção discursiva realizada pelo historiador, situada no entremeio do texto lógico e da narrativa (CERTEAU, 2011a, 46-47).

Nesse esquema analítico da instituição do saber histórico, o desvio se encontraria na dimensão da prática, no encontro do historiador com uma ruptura dos modelos dominantes do cotidiano. Para Certeau (2011a), essa quebra no cotidiano seria o ponto fundamental (porém não exclusivo) na interpretação histórica. Nas palavras do autor:

Nessa linha o trabalho teórico se desempenha, propriamente falando, na relação entre os polos extremos da operação inteira: por um lado, a construção dos modelos; por outro lado, a atribuição de uma significabilidade aos resultados obtidos ao final das combinações informáticas. A forma mais visível dessa relação consiste, finalmente, em tornar pertinentes diferenças adequadas às unidades formais precedentemente construídas; em descobrir o heterogêneo que seja tecnicamente utilizável. A 'interpretação' antiga se torna, em função do material produzido pela constituição de séries e de suas combinações, a evidenciação dos desvios relativos quanto aos modelos (CERTEAU, 2011a, p. 76)

O desenvolvimento dessa categoria por Michel de Certeau diz respeito, entre outras coisas, ao debate que ele estabeleceu com Michel Foucault sobre o método adotado pelos historiadores para conformar seus objetos de saber. Em *A Arqueologia do Saber*, Foucault aborda a história dos sistemas de pensamento a partir do chamado *método arqueológico*, tomando como ponto de análise não os objetos em si das áreas de saber; e sim, as maneiras pelas quais eles foram construídos, visando compreender a organização do conhecimento "escavando" estratos históricos. Ao falar sobre o que chamou de *história nova*, o filósofo explana:

Um dos traços mais essenciais da história nova é, sem dúvida, esse deslocamento do descontínuo: sua passagem do obstáculo à prática; sua integração no discurso do historiador, no qual não desempenha mais o papel de uma fatalidade exterior que é preciso reduzir, e sim o de um conceito que se utiliza; por isso, a inversão dos signos graças à qual ele não é mais o negativo da leitura histórica (seu avesso, seu fracasso,



o limite de seu poder), mas o elemento positivo que determina seu objeto e valida sua análise (FOUCAULT, 2008, p. 10).

Essa história arqueológica de Foucault foi a base de parte de seus trabalhos empíricos, como em “As Palavras e as Coisas”, em que o autor realiza uma arqueologia das ciências humanas a partir de uma história das relações entre signos e significantes. O modo de fazer foucaultiano teve uma grande penetração no meio acadêmico, em especial no historiográfico, incitando as críticas de diversos pensadores como Jacques Leonard e o próprio Michel de Certeau.

Para Certeau, o grande problema do método arqueológico residia na suspensão do contínuo, isolando o descontínuo como uma chave única da interpretação histórica, o que suscitava um problema e uma contradição: sem o contínuo, a descontinuidade perde parte de seu sentido, sendo incapaz de abarcar a amplitude dos processos históricos; além disso, ao se estudar a história somente a partir das rupturas, acaba-se por se criar uma série de descontínuos, incorrendo, de uma forma consequente, naquilo que se critica por essência. Em seu texto “O Sol Negro da Linguagem: Michel Foucault”, o historiador afirma:

À maneira de Pascal, Foucault faz ver a continuidade precisamente onde era afirmada a ruptura, do mesmo modo que ele designava, há pouco, uma descontinuidade que destruía a homogeneidade de um devir da ciência. No entanto, tal continuidade é indissociável do equívoco; ela é o que persiste à revelia da consciência e sob a forma de impostura. As reminiscências de tipos diversos, detectados pela análise, traduzem-se por embuste (CERTEAU, 2011b, p. 143).

Finalmente, Certeau acredita que o estudo dos desvios, no trabalho do historiador, deve estar acompanhado à noção de limite. Existe, segundo ele, um certo ponto em que as rupturas no passado não abarcam todas os interesses da pesquisa histórica, precisando ser confrontados com os modelos existentes. Para a prática historiadora “o importante não é a combinação de séries, obtida graças a um isolamento prévio de traços significantes, de acordo com modelos pré-concebidos, mas, por um lado, a relação entre esses modelos e os limites que seu emprego sistemático faz aparecer e, por outro lado, a capacidade de transformar esses limites em problemas tecnicamente tratáveis” (CERTEAU, 2011a, p. 76-77). A observação de Certeau traz à tona um outro ponto, que remonta à ideia de táticas e estratégias abordado acima, no tocante ao desenrolar da vida cotidiana, na experiência individual e coletiva das pessoas.

Um estudo a partir da noção de desvio abre margem a compreender a ação das pessoas, suas táticas discursivas; para captar o dominado, é preciso visualizar o dominador, e vice-versa.



Um olhar isolado das formas de antidisciplina, de resistência, nas teias do cotidiano não seria capaz, para Michel de Certeau, de alcançar as relações entre os diversos indivíduos e suas lutas diárias pelo poder e pela sobrevivência. Em suma, tornar-se-ia um tanto quanto vazio estudar a “religião popular” no território brasileiro sem manter o contraponto com a “religião oficial”, as doutrinas institucionais das igrejas. O olhar para o herege deve ser acompanhado do olhar para o inquisidor; a análise do conceito de pobreza deve ter em vista o de riqueza, e assim por diante. A intenção de Certeau era, portanto, tanto em sua pesquisa empírica quanto em suas reflexões teórico-metodológicas, descortinar ausências, revelar os caminhos múltiplos e tortuosos pelos quais os homens caminham na vida cotidiana.

Na próxima subseção, discuto a categoria forma atípica de Thompson, em uma abordagem metodologicamente igual à aplicada aqui, abordando o enquadramento desse termo na obra do historiador inglês e referenciando o debate central vivido por ele no desenvolvimento de suas reflexões sobre a história: a crítica ao pensamento de Louis Althusser. Tomo também como ponto de partida para a reflexão os estudos que Edward Thompson realizou sobre a vida cotidiana, especificamente sobre a multidão inglesa no século XVIII.

Da Forma Atípica: A Lógica Histórica de Edward Thompson

Edward Palmer Thompson nasceu na Inglaterra, em 1923, e formou-se em História pela Universidade de Cambridge. Historiador militante da esquerda inglesa, teve em sua trajetória muitos pontos extremamente interessantes que ligam sua visão de mundo à sua obra. Um dos fundadores da *New Left Review*, foi um dos nomes mais proeminentes da historiografia em seu país, com uma ativa participação na crítica ao marxismo soviético, resultando na ruptura de muitos pesquisadores com o Partido Comunista e na releitura do materialismo histórico, o qual sofria críticas vindas de várias direções, as principais delas de Louis Althusser e Karl Raimund Popper. Nesse debate de revisão da tradição marxista, Thompson ganhou destaque tanto por seus trabalhos empíricos quanto por suas reflexões teórico-metodológicas, com trabalhos de referência como “A Formação da Classe Operária Inglesa e A Miséria da Teoria”, em que tece severas críticas ao pensador marxista francês.

Apesar de sua centralidade nos debates sobre o estatuto do marxismo na metade do século XX, e do futuro da prática historiadora, Thompson fugiu em diversos momentos dos espaços formais da academia inglesa, tendo produzido “A Formação” durante o período em que



lecionava um curso de história para os sindicatos de operários na Inglaterra. Essa relação direta com o seu projeto de vida, sua visão de mundo, marcou seu trabalho histórico, com uma forma de pensar o passado bastante diferente da operada pelo marxismo ortodoxo, fortemente disseminado na historiografia britânica, sobretudo entre os historiadores econômicos³. Em crise com o marxismo, o autor desenvolveu reflexões importantes sobre a sociedade inglesa dos séculos XVIII e XIX sobre uma chave nova, que dialogava com os estudos folcloristas e com a antropologia.

Em seu artigo *La Sociedad Inglesa del Siglo XVIII: Lucha de Clases Sin Clases?* o autor discute a estrutura social na Inglaterra setecentista, refutando a tese de que, nessa época, o poder paternalista do Estado e da *gentry* conseguira esmagar todas as formas de resistência por parte da Igreja, dos próprios setores divergentes da *gentry*, e, principalmente, da plebe (a multidão). Thompson procura mostrar nesse estudo os vários elementos que impediram a perpetuação do pleno poder do Estado e da *gentry* na chamada sociedade pré-industrial, com um olhar específico para as formas de resistência da multidão na vida cotidiana. Segundo ele:

En cuarto y último lugar, está la omnipresente resistencia de la multitud: una multitud que se extendía en ocasiones desde la pequeña gentry, pasando por los profesionales, hasta los pobres (y entre todos ellos, los dos primeros grupos intentaron en ocasiones combinar la oposición al sistema con el anonimato), pero que a ojos de los grandes aparecía, a través de la neblina del verdor que rodeaba sus parques, compuesta de “tipos disolutos y levantiscos” (THOMPSON, 1992, p. 30).

Para Thompson, a análise das ações dessa multidão permitiria enxergar as diversas forças que se confrontavam no processo de definição da vida cotidiana. Na crítica à Althusser e aos economicistas, o autor britânico queria mostrar a importância de se buscar uma interpretação no nível da experiência dos indivíduos, nas suas formas de lidar com as grandes mudanças e estruturas que povoavam a sua época. No caso específico do estudo mencionado, ele apontou para o fato de que, apesar de ocorrer uma gradativa estruturação do Estado e um marcante fortalecimento dos grupos dominantes na Inglaterra em fins do século XVIII, a capacidade de resistência da plebe era capaz de mobilizar ou frear transformações no cotidiano.

Esse ponto, o da experiência, é fundamental para a obra de E. P. Thompson, pois é o elemento que o posiciona no debate com Althusser/Popper e com os economicistas. No que

³ Entre os autores com quem Thompson discutiu a perspectiva marxista de analisar a história, destacam-se aqueles que debateram a transição do feudalismo para o capitalismo, como Maurice Dobb e Paul Sweezy. Para compreender a abordagem economicista do materialismo histórico, ver Dobb (1983); Sweezy et al. (1977).



tange ao primeiro grupo, a crítica foi desenvolvida pelo autor no livro “A Miséria da Teoria”, um conjunto de reflexões sobre a função da história e a maneira de operar do historiador a partir das bases teórico-metodológicas do materialismo histórico, então criticado por Louis Althusser no que dizia respeito à sua relevância para a compreensão das sociedades, uma vez que o arcabouço da “teoria” seria o suficiente para basilar todas as formas de entendimento da vida humana (no limite, conceitos bem formulados e delimitados abarcariam a totalidade das ações humanas).

Karl Popper, por sua vez, direcionava sua reflexão à suposta incapacidade do materialismo histórico de prover uma forma de conhecimento passível de testes, ou melhor, de ser falsificada (Popper, 2007). O trabalho do historiador, segundo Popper, não se encaixava na lógica da pesquisa científica, com o uso de materiais que pudessem ser postos à prova por qualquer pessoa que desejasse testá-los, pois o objeto de trabalho do historiador, o passado, não seria capaz de ser reconstituído. Essa crítica é feita pelo autor já em “A Miséria do Historicismo”, e foi invocada também contra o materialismo histórico.

Para Thompson, entretanto, nenhum dos dois polos apresentados pelo sociólogo francês e pelo epistemólogo alemão são capazes de apresentar uma forma aceitável de análise dos processos históricos; havia sim, uma lógica histórica, capaz de conciliar os dois problemas apresentados pelos dois autores supracitados. Essa lógica (o “discurso disciplinado da prova” com o qual se introduziu este texto) estaria situada entre a teoria e a empiria, entre o conceito e a evidência (THOMPSON, 2009, p. 57-59).

O historiador, em seu trabalho de “investigador” do passado, constrói no conjunto dos vestígios, dos rastros, uma linha inteligível chamada de evidências, com pedaços de um tempo que já se foi capazes de criar uma imagem desses eventos ao pesquisador; a partir do corpo de evidências montado pelo historiador, procede-se o confronto com os conceitos, com as definições pré-colocadas para as sociedades, bem como padrões culturais, modos de produção, relações de dominação etc. Nesse encontro dos dois polos, produz-se o discurso histórico, um diálogo interminável entre os vestígios e a teoria; o “laboratório” da História, ou melhor, do historiador, seria o constante confronto entre o corpo de evidências e os conceitos a ele apresentados. Portanto, para Thompson, as visões apresentadas por Althusser e Popper perdem



força, no sentido que não dão conta da essência de trabalho do historiador, nos moldes do materialismo histórico por ele defendido.

A crítica a Althusser possui um desenrolar que converge com o debate entre Thompson e os economicistas, que diz respeito ao conceito de experiência, já mencionado. Para compreender melhor esse tópico específico, é interessante fazer uma breve digressão neste texto e analisar o debate sobre a transição do feudalismo para o capitalismo, muito importante para a historiografia inglesa do século XX. Para isso, retomarei dois autores de grande influência nesse período, Maurice Dobb e Paul Sweezy.

Em seu trabalho “A Evolução do Capitalismo”, Dobb propõe uma reflexão à teoria do materialismo histórico, em especial no que diz respeito às mudanças nos modos de produção. Para Dobb (1983), as transições entre os modos teriam seu ponto focal nas mudanças nas forças e nos meios de produção). No caso específico da transição do feudalismo para o capitalismo, os fatores mais relevantes para o autor seriam a mudança da relação de trabalho, que passaria de um modelo mais pessoal (senhor-servo) para um modelo mais impessoal (patrão-empregado), além do processo de crescimento das cidades, que mobilizaria essa “profissionalização” das relações de trabalho (DOBB, 1983, p. 25-59).

Essa interpretação de Dobb incitou a uma grande discussão entre os marxistas, pois envolvia a grande estrutura de análise da teoria dos modos de produção; essas discussões, em especial com o historiador Paul Sweezy, levaria a produção do livro “A Transição do Feudalismo para o Capitalismo”, em que um debate direto entre os autores é seguido de interpretações de outros historiadores importantes, como Rodney Hilton e Christopher Hill (IGGERS, 1997; SWEEZY et al., 1977). De toda forma, a perspectiva marcante desse debate se baseou na assertiva de que a transição só poderia ser percebida a partir da chave economicista, ou seja, ou pelas relações de trabalho, ou pelas relações de produção.

Esse viés estruturalista foi rebatido por Thompson (2008; 2012), com base no argumento da *economia moral da multidão*, segundo o qual apontava para as formas particulares do campesinato inglês de lidar com a inserção gradativa do capitalismo em sua vida cotidiana. Em seu artigo “A Economia Moral da Multidão Inglesa no Século XVIII”, Thompson (2008) mostra como muitas pessoas não haviam aderido à forma impessoal do capitalismo de



se estabelecer transações econômicas e relações de trabalho, havendo um regime de trocas e funcionamento do comércio com base nas relações pessoais, em um molde moral de economia.

A partir dessa constatação, Thompson argumentou que somente a partir da dimensão da experiência é possível ao historiador compreender as relações humanas e os processos históricos, inclusive a transição do feudalismo para o capitalismo. Não seriam convenções normativas sobre o trabalho e o comércio que seriam capazes de explicar a inserção do capitalismo, e sim, as formas como as pessoas lidavam com esse elemento em sua vida cotidiana. Em “A Miséria da Teoria”, a importância desse conceito é ressaltada pelo autor:

O que descobrimos (em minha opinião) está num termo que falta: a ‘experiência humana’. É esse, exatamente, o termo que Althusser e seus seguidores desejam expulsar, sob injúrias, do clube do pensamento, com o nome de “empirismo”. Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo – não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua consciência e sua cultura (as duas outras expressões excluídas pela prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, “relativamente autônomas”) e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada (THOMPSON, 2009, p. 235-236).

Finalmente, com esse conceito, como aponta o historiador Georg Iggers (1997), Thompson se coloca contrário à tradição marxista, uma vez que abre margem para a subjetividade das ações dos sujeitos; para a inclusão da cultura na interpretação materialista da história; e para a quebra com a ideia teleológica de progresso, em que o passado seria um modelo explicativo para o futuro. No âmbito da experiência, é perdida a previsibilidade dos processos históricos. Mas, nesse debate com a própria tradição marxista, onde se situa a noção de forma atípica?

Retomando o estudo sobre a multidão inglesa, é possível localizar onde se encontra a operação metodológica de Thompson com o conceito de experiência. A partir da vida cotidiana dos sujeitos históricos, segundo o autor, é possível captar as ações que se inserem nas normas de uma sociedade e, principalmente, aquilo que não se insere. No caso observado em *La Sociedad Inglesa del Siglo XVIII*, os motins realizados pelos camponeses podem ser tomados como um ponto de inflexão, algo atípico, que revela as tensões existentes na sociedade pré-industrial, uma vez que torna nítido o confronto entre a *gentry* e a plebe, além das normas que regulam a vida cotidiana. As formas atípicas, para Thompson, permitem ao historiador compreender o maior número de elementos possíveis de uma sociedade, uma vez que evidencia



o limiar das relações sociais e dos valores, dos costumes partilhados pelos indivíduos em uma determinada época.

Essa forma de lidar com o incomum, com o atípico, advém do diálogo persistente de Thompson com a antropologia, em uma tentativa de grosso modo, analisar a sociedade a partir da descrição da vida cotidiana, dos costumes, dos ritos e crenças comuns em cada época. Por isso, também, que as formas atípicas não seriam somente ligadas a formas claras e explícitas de ruptura com as normas do cotidiano, estariam espalhadas também nas ações ordinárias de um grupo de pessoas. O exemplo principal citado nesse sentido é o da troca de esposas (THOMPSON, 2008, p. 1992), em que o incomum é incorporado ao ordinário, tornado comum, na medida em que se constitui como uma forma de resistência às formas de dominação da elite.

O discurso histórico disciplinado da prova, situado entre o conceito e a evidência, assim, procura nesse entremeio aquilo que salta aos olhos, ou melhor, que foge a um determinado padrão, uma dada regularidade de uma época. A partir do atípico é possível capturar o típico, romper com definições estáticas das estruturas econômicas para a vida social, trabalhando no campo da experiência humana. Thompson (2008;1987; 2012) usou dessa operação metodológica de forma frequente para compreender como os trabalhadores resistiram à introdução de uma noção de tempo oriunda do capitalismo industrial, o processo de “fazer-se” da classe operária a partir de seus próprios aspectos culturais e sociais marcantes, ou mesmo para pensar a relação entre a História, o folclore a Antropologia.

De saída, uma aproximação clara pode ser traçada entre Thompson e Certeau, pois ambos trabalham com o incomum, com o “fora de ordem”, com o desvio, com a forma atípica. Isso é interessante de se constatar na medida em que esses autores produziram seus trabalhos na mesma época, e discutiam suas percepções em círculos similares em cada país. Mas será essa primeira aproximação suficiente para o estabelecimento de um diálogo pertinente entre os dois autores para a operação metodológica de um historiador na atualidade? Há também diferenças consideráveis na perspectiva apontada por esses dois historiadores, mas serão elas fortes o suficiente para impossibilitar a realização de trabalho embasado em ambos? Serão lançadas algumas considerações sobre esses questionamentos na última seção deste texto, aproveitando dos elementos já expostos sobre Michel de Certeau e Edward Thompson.



Conclusão: É Possível Aproximar o Desvio da Forma Atípica?

Como se pôde observar, Michel de Certeau e Edward Thompson se caracterizaram como verdadeiros pontos de inflexão na produção historiográfica de sua época. Ambos os autores se posicionaram de forma a criticar diversos modelos interpretativos da sociedade então vigentes, a maioria imerso na vertente do estruturalismo; além de, nesse ambiente de disputas intra e interdisciplinar, elaboraram suas defesas à prática historiadora, definindo-a de uma forma nova, com uma dimensão reflexiva de sua função social. Os debates com nomes proeminentes no meio acadêmico de seu tempo também chamam atenção, refletindo até hoje na ampla aceitação desses autores entre pesquisadores e estudantes de História. A “História Social da Cultura” e a “Nova História Cultural” bebem de muitas de suas contribuições ao saber histórico, apropriando-se diretamente de seus trabalhos ou, ao menos, de perspectivas de análise abertas por eles.

Ao que parece, Certeau e Thompson não traçaram um debate direto, uma vez que não se citam em suas obras (ao menos nas estudadas para este trabalho), mas, o diálogo entre suas obras parece, aqui, uma possibilidade extremamente interessante. A base desse argumento está na semelhança de suas abordagens metodológicas, pautadas na procura pelo incomum, pelo desvio, pela forma atípica, percebidos por eles a partir da vida cotidiana, das disputas diárias entre os indivíduos. Todavia, alguns elementos diferenciadores entre esses historiadores devem ser ressaltados, a fim de esclarecer que uma “conversa” entre eles é uma apropriação de leitura, não uma conexão clara e direta.

De saída, deve-se destacar a tradição a qual esses historiadores estiveram vinculados. Apesar de criticar fortemente a tradição marxista, em especial no que diz respeito aos tópicos do estruturalismo economicista, da ideia teleológica de progresso, e do conceito de classe⁴, o historiador inglês se vincula ao marxismo, segundo ele próprio, a partir de sua leitura dos trabalhos de Karl Marx (THOMPSON, 2012). Assim, o autor compartilha, em essência, com alguns elementos fundamentais do pensamento marxista, como a ideia de história como processo, do senso materialista da realidade, em que o passado histórico se encontra alcançável

⁴ A discussão sobre o conceito de classe é fundamental para o distanciamento de Thompson de uma vasta tradição marxista ortodoxa. Para ele, a classe é histórica, dinâmica e sujeita à primazia da luta de classes, ou seja, não é uma construção apriorística, e sim, o resultado das relações sociais do cotidiano. Ver Thompson (1992).



ao historiador pelo seu método; além da associação da cultura à teoria dos modos de produção. Nesse sentido, Thompson é um historiador marxista sim, com os pés fincados nas propostas organizadas por Marx para a disciplina histórica (IGGERS, 1997). A grande mudança, talvez, em sua concepção epistemológica seja fruto do diálogo com a antropologia, trazendo ao autor a importância do particular no estudo dos grandes processos e o valor da descrição das ações e dos costumes da vida cotidiana; percebendo o papel da cultura na vida social.

Nesse ponto, o distanciamento de Michel de Certeau é considerável, uma vez que o historiador francês está ligado ao questionamento da capacidade do historiador de alcançar a realidade, ainda que parcial e finita, a partir de sua operação metodológica. O enfoque linguístico de Certeau, muito influenciado pelos trabalhos de Roland Barthes e mesmo de Michel Foucault, o leva à compreensão de que o historiador, ao fim e ao cabo, fabrica o passado que estuda, a partir da legitimação que possui para falar sobre o passado (CERTEAU, 2011a). Finalmente, há para ele, uma dupla dimensão do discurso histórico que não pode se perder de vista: o passado histórico e o presente historiográfico (CERTEAU, 2011b). Essas duas dimensões temporais não convergem de modo natural, são operadas pelo historiador para tal; o passado não se apresenta ao historiador, ou mesmo é resgatado por ele, e sim, o presente cria um senso de passado passível de se tornar real pela força social do historiador.

No fim das contas, o materialismo de Thompson se afasta de uma perspectiva subjetivista de Certeau, fazendo com que, mesmo partilhando de posições metodológicas bastante semelhantes, esses autores se distanciem em suas conclusões nos estudos sobre o popular, o ordinário, a vida cotidiana. Certeau (2012a, 2012b), no campo da linguagem, observa a invenção de discursos disciplinares que tentam prender os indivíduos em uma rede de dominação constante, entretanto, a partir das táticas do discurso e das trampolinagens, o que se cria é uma rede de antidisciplina, com fugas sistemáticas e aleatórias do cotidiano, desenroladas no nível da ação e da linguagem. Thompson (1992; 2008), por sua vez, percebe, a partir das formas de resistência da multidão inglesa no século XVIII, a conformação de uma consciência de grupo, que terá seu desenrolar em uma consciência de classe, um conjunto de aspectos culturais capazes de constituir um grupo em busca da luta por seus interesses; no caso de sua obra principal, a classe operária.



Essa diferença fundamental na formação do pensamento de Thompson e de Certeau, entretanto, não impossibilita, ao meu ver, o estabelecimento de uma reflexão que aproxima os dois autores, tratando a relação entre cultura e sociedade a partir dos espectros da antropologia social, sem separar o mundo da cultura do mundo social. Para ambos, cultura e sociedade são elementos indissociáveis, e frutos das disputas e tensões decorridas da vida cotidiana; os sujeitos históricos, sejam eles pobres, ricos, intelectuais ou analfabetos, produzem cultura e se colocam no estrato social de forma particular, submetidos ao nível da experiência, sem, entretanto, se desprenderem do coletivo, seja ele grupo, seja ele classe.

Uma “História Social da Cultura” é capaz de se apropriar dessa percepção comum aos dois para operar, a partir dos indícios de desvios e do aparecimento de formas atípicas nas séries, produzindo uma reflexão sobre a produção coletiva da cultura e da capacidade dos indivíduos de usarem seus ritos e suas crenças como ferramentas para a disputa por seus interesses. Assim, uma história dos operários, dos camponeses, dos hereges, dos pagãos, dos excluídos de modo geral, é possível, tomando como premissa que esses personagens também possuem agência na vida social.

Outra contribuição desses autores está em sua apreensão da ideia de cultura a partir do imperativo da prática. Tanto Certeau quanto Thompson abordaram o universo cultural pensando-o a partir das práticas ordinárias, fugindo da percepção de que há um vetor único de transmissão para crenças e ritos, como fora posto por uma História da Cultura que privilegiou os intelectuais, os políticos, os artistas, os cientistas etc. O caso da percepção de tempo, por exemplo, discutida por Thompson em seu artigo “Tempo e Disciplina do Trabalho”, é uma demonstração de que as crenças e ritos se distribuem de forma multidirecional no tecido social; em um momento no qual a inserção do capitalismo na Inglaterra apontava à transformação de uma noção de tempo ligada às estações climáticas, aos períodos de plantio e colheita agrícola etc., para uma pautada pela hora de trabalho, pelo relógio instalado nas fábricas, muitos camponeses mantiveram uma concepção de tempo ligada aos costumes, criando uma nova percepção de tempo, situada entre o campo e a fábrica.

Para a “Nova História Cultural”, centrada nos estudos das práticas e das representações (CHARTIER, 2004), essa pluralidade na produção e na transmissão da cultura é extremamente útil para problematizar as relações entre o “erudito” e o “popular”, pondo esses dois “mundos”



em uma aproximação, centrando interesse justamente nas relações entre essas duas dimensões culturais (BURKE, 2008).

Portanto, acredito ser possível e interessante o diálogo entre Michel de Certeau e Edward Thompson para as reflexões atuais de historiadores, tanto no campo da “História Social da Cultura” como no da “Nova História Cultural” (sem mencionar outras possibilidades que tomariam muito espaço deste texto). A apropriação dos conceitos e dos métodos de trabalho apresentados por esses dois autores abre margem para uma análise histórica entre o materialismo histórico e a linguística, em uma retomada da estrutura narrativa do texto histórico e numa problematização das grandes teorias interpretativas da sociedade. Certeau e Thompson foram autores importantes no seu tempo, e influenciaram a formação de grupos de pesquisas ligados a suas perspectivas de interpretação histórica. O contato entre esses dois autores bastante atuais e relevantes pode levar a construção de novos saberes sobre o passado, de tom cada vez mais eclético. Entre o desvio e a forma atípica, encontra-se uma forma de “fazer história” bastante interessante para os atuais e futuros historiadores.

Referências

- BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras/, 2008.
- CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. São Paulo: Editora Papyrus, 2012b.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011a.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Volume 1: Artes de fazer. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012a.
- CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011b.
- CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick et OFFENSTADT, Nicolas. Alltagsgrschichte. In: **Historiographies: concepts et débats**. Tome 1. Paris: Gallimard, 2010.
- DOBB, Maurice Herbert. **A evolução do capitalismo**. São Paulo: Editora LTC, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GIARD, Luce et al. **Le voyage mystique: Michel de Certeau**. Paris, Cerf e RSR, 1988.
- IGGERS, Georg. **Historiography in the twentieth century. From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge**. Wesleyan/New England: Wesleyan University Press, 1997.
- POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.



POPPER, Karl. **A miséria do historicismo**. São Paulo: Edusp, 1980.

POPPER, Karl. **Textos escolhidos**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto – PUC, 2011.

SWEEZY, Paul. et al. **A transição do feudalismo para o capitalismo: um debate**. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1977.

THOMPSON, Edward Palmer. A economia moral da multidão inglesa do século XVIII. In: THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária**. Volume 2: A Maldição de Adão. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1984.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Swing e Ludistas Sensuais, 2009.

THOMPSON, Edward Palmer. **A peculiaridade dos ingleses e outros artigos**. São Paulo: Editora UNICAMP, 2012.

THOMPSON, Edward Palmer. La sociedad inglesa del siglo XVIII: lucha de clases sin clases? In: THOMPSON, Edward Palmer. **Tradición, revuelta y consciencia de clase**. Barcelona: Editorial Crítica, 1992.

THOMPSON, Edward Palmer. Tempo e disciplina do trabalho no capitalismo industrial. In: THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.